



XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento

Mar del Plata – Argentina
22, 23 e 24 de novembro de 2017
ISBN: 978-85-68618-03-5



A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO SUL DO BRASIL

FILIPE JOSÉ DIAS

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
fjdias05@gmail.com

ROGÉRIO DA SILVA NUNES

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
rognunes@msn.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é avaliar a internacionalização das Universidades Federais do Sul do Brasil, considerando o aspecto dos acordos de cooperação internacional para mobilidade de alunos servidores docentes e técnico-administrativos. Inicialmente apresenta-se a contextualização da internacionalização da Educação Superior. A avaliação é realizada utilizando um dos indicadores de internacionalização apontados por Veiga, comparando dados disponíveis nas páginas eletrônicas institucionais de Universidades Federais da Região Sul do Brasil.

Palavras chave: Avaliação; Internacionalização; Gestão Universitária.

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 90, a Universidade vem passando por um processo de transformação e adaptação em função das necessidades apresentadas por redefinições no modelo econômico mundial. A internacionalização da Universidade é um dos movimentos de reforma neoliberal da Educação Superior. (LEITE; GENRO, 2012).

Podemos observar porém, para além da competição influenciada pelo Mercado, outros elementos que motivam a internacionalização da Universidade, buscando a ampliação de suas capacidades de investigação e de conhecimento, além de ampliar seu entendimento intercultural. (STALLIVIERI, 2017).

Cada vez mais a Universidade tem sido incentivada a realizar acordos internacionais enviando e recebendo alunos, professores e pesquisadores em programas de intercâmbio de cooperação acadêmica, considerados importantes para o relacionamento intercultural e formação profissional.

A prática da internacionalização é incentivada como política e considerada como critério de avaliação da educação superior por organismos internacionais que debatem os rumos da Educação Superior. Como exemplo podemos verificar no documento da Conferência Mundial sobre Educação Superior da UNESCO (1998) em Paris:

A qualidade requer também que a educação superior seja caracterizada por sua dimensão internacional: intercâmbio de conhecimentos, criação de redes interativas, mobilidade de professores e estudantes, e projetos de pesquisa internacionais, levando-se sempre em conta os valores culturais e as situações nacionais. (n.p.).

Com a ideia de expansão da Educação Superior e com as novas demandas de Mercado, foram criadas novas vagas no Ensino Superior, com a ampliação da oferta de cursos já existentes e a criação de novos Cursos de Graduação.

Nesse contexto, podemos verificar a criação de Cursos de Graduação em Relações Internacionais. A intenção de criar este programa oferecido pela primeira vez na Universidade de Brasília era de formar profissionais que pudessem atuar de algum modo nas atividades de Estado relacionadas à expansão da internacionalização do Brasil que então se observava.

Porém com o aumento da oferta de vagas, houve uma diversificação de grades curriculares dos mesmos, formando um quadro extremamente heterogêneo de perfis de graduados sob o mesmo rótulo relações internacionais.

Diante das necessidades apresentadas de internacionalização da Educação Superior é possível aferir a qualidade das ações de internacionalização por uma instituição de ensino ou em determinado curso?

Visando aferir a qualidade da internacionalização dos Cursos de Ensino Superior, temos como objetivo deste estudo avaliar a internacionalização da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em comparação com as demais Universidades Federais da região Sul do Brasil, sob um dos indicadores apontados para avaliar a internacionalização das instituições de Ensino Superior.

A metodologia adotada foi a qualitativa, que utiliza o estudo de caso como estratégia de pesquisa, e a coleta de dados foi realizada nos portais eletrônicos das Universidades Federais a que tivemos acesso e nos relatórios de gestão publicados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A mobilidade internacional no meio universitário é algo que acontece desde o surgimento da instituição na Idade Média. O movimento de alunos, pesquisadores e idéias para além das fronteiras, na busca pelo saber e ampliação de conhecimentos, possibilitando a troca de experiências em diferentes culturas, contribuiu para o surgimento das próprias Universidades, que se conceberam como locais de referência no estudo de determinadas áreas do conhecimento. (CÉSPEDES; LEAL; STALLIVIERI, 2016).

A partir da década de 90, o modelo de Universidade sofre um processo de modernização e contrarreforma. À Universidade tem sido atribuídos novos papéis, muitos deles por força de elementos exógenos, por pressão do novo modelo de sociedade ou por imposição do Mercado e do capital. (BIANCHETTI, 2015).

A Universidade de característica neoliberal é melhor visualizada quando conhecemos o processo de reestruturação das Universidades europeias, conhecido como Processo de Bolonha, e que se espalhou pelo mundo. O Processo de Bolonha segue padrões instituídos pela Modernidade, de elevação e regulação da democracia, da *res publica* e da vida, almejando a procura de um mundo melhor. Tem o desafio de tornar o ensino superior mais contemporâneo, adaptar a Universidade, tornando-a mais operacional e fluida com o mercado. (BIANCHETTI, 2015).

No entanto, ao tratar do tema de internacionalização há dificuldade em estabelecer uma definição que possa caracterizar esse processo a que as instituições estão sujeitas.

A internacionalização deve ser considerada como um processo, porque é um esforço coletivo e contínuo em evolução, devendo adaptar-se e refletir as prioridades e particularidades de um país, de uma instituição ou de um grupo específico de partes interessadas. (VEIGA, 2011).

A partir de Bolonha a definição de internacionalização do ensino superior passou de uma visão tradicional, baseada exclusivamente à mobilidade de estudantes, para uma mais estratégica de análise de engajamento de políticas institucionais, nacionais e internacionais. A crescente demanda de competências por parte dos profissionais formados e das universidades, associada ao acelerado aumento da oferta de especialidades e de pesquisas tecnológicas passou a requerer ações conjuntas oriundas da cooperação internacional, permitindo maior centralidade e importância da internacionalização na educação global. Assim, a internacionalização surge em decorrência da globalização e se dá por meio da criação de políticas e estratégias institucionais que possibilitam a interação internacional de novos atores sociais baseados no domínio do conhecimento. (MULLER, 2013, p. 24).

De acordo com Hudzik (*apud* STALLIVIERI, 2017, p. 45):

Internacionalização abrangente é um compromisso, confirmado através da ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas ao longo das missões de ensino superior de ensino, pesquisa e serviços. Ela molda o *ethos* e os valores institucionais e abrange toda a instituição de ensino superior. É essencial que seja abraçada pela liderança institucional, pelos gestores, professores, estudantes, e todas as unidades de serviço e suporte acadêmico. É um imperativo institucional, e não apenas uma possibilidade desejável. A internacionalização abrangente não impacta somente a vida no campus, mas os quadros externos da instituição, suas parcerias e relações. A reconfiguração global das economias, sistemas de comércio, pesquisa e

comunicação, bem como o impacto de forças globais sobre a vida local, expandem dramaticamente a necessidade de internacionalização abrangente e as motivações e propósitos que a conduzem.

Analisando sobre a formação de um espaço regional internacionalizado, Azevedo (2009, p. 186), apresenta a seguinte formulação sobre o significado da internacionalização acadêmica:

Não se trata de um simples mecanismo de permeabilização de fronteiras, mas, sim, um complexo processo de integração a um campo social de produção científica mundializado, em que diversos atores sociais travam relações com vistas a intercambiar, a cooperar e a compartilhar solidariamente (ou, opostamente, a competir) em suas áreas de atuação e em seus espaços de influência.

Para o avanço desse estudo é importante a diferenciação de alguns termos regularmente utilizados na área que parecem semelhantes, mas têm significados diferentes. associados ao tema

São utilizados os termos – internacional, intercultural e global, para reflectir a amplitude da internacionalização. A palavra internacional evidencia as relações entre nações, culturas e países; por sua vez, a intercultural é usada para ilustrar a diversidade de culturas que existem nos países, comunidades e instituições; e por último, o termo global dá uma noção mais ampla/abrangente. (VEIGA, 2011, p. 8).

Podemos destacar como políticas de internacionalização os programas de intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação, os programas de desenvolvimento de pesquisa inter-universitária, os programas de formação de recursos humanos, que recebe professores estrangeiros e apoia a inserção de professores brasileiros em renomadas Instituições no exterior.

Quadro 1 – Estratégias de Programa e Organizacionais			
Estratégias Acadêmicas		Estratégias Organizacionais	
Programas Acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> • Programas de intercâmbio de alunos • Estudo de língua estrangeira • Currículo internacionalizado • Estudos por área ou temáticos • Trabalhar/estudar no estrangeiro • Estudantes Internacionais • Processo de ensino/aprendizagem • Programas de graus conjuntos/duplos • Formação transcultural • Programas de mobilidade de docentes/funcionários não docentes • Visitas de docentes e acadêmicos 	Gestão	<ul style="list-style-type: none"> • Compromissos expresso pelos órgãos de gestão • Envolvimento activo de docentes e funcionários não docentes • Lógica articulada e objectivos para a internacionalização • Reconhecimento da dimensão internacional nas declarações da missão institucional, documentos de planeamento e política
Colaboração na Investigação e no Ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Centros de área e tema • Projetos de investigação conjuntos • Seminários e conferências internacionais • Artigos e documentos publicados • Acordos de investigação internacionais • Programas de intercâmbio de investigação • Parceiros de investigação internacionais em sectores académicos e outros 	Operações	<ul style="list-style-type: none"> • Integração na instituição e departamento/ planeamento a nível escolar, sistemas de orçamentação e controlo de qualidade • Estruturas organizacionais apropriadas • Sistemas (formais e informais) para comunicação, ligação e coordenação • Equilíbrio entre a gestão e a promoção da internacionalização a nível central e a nível descentralizado • Apoio financeiro adequado e

			alocação de sistemas de recursos
Relações externas Domésticas e estrangeiras	Domésticas <ul style="list-style-type: none"> • Parcerias baseadas na comunidade com organizações não governamentais ou grupos do sector público ou privado • Serviço comunitário e projecto intercultural Estrangeiras <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de programas internacionais de assistência • Fornecimento transcultural de programas de educação (comerciais e não comerciais) • Vínculos, parcerias e redes internacionais • Contrato de formação, programas de investigação e serviço • Programas estrangeiros para antigos alunos 	Serviços	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio dos serviços da instituição a nível de alojamento, registos, aconselhamento, financiamento... • Envolvimento de unidades académicas de apoio à aprendizagem de línguas, desenvolvimento curricular, formação de docentes e funcionários • Serviços de apoio aos estudantes em mobilidade incoming e outgoing como programas de orientação, aconselhamento, treino intercultural e tutores.
Atividades extracurriculares	<ul style="list-style-type: none"> • Clubes e associações de estudantes • Eventos interculturais e internacionais • Projetos interculturais e internacionais na comunidade local • Grupos de apoio e programas 	Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Processos de recrutamento e selecção que reconheçam a experiência internacional • Políticas de promoção e reconhecimento das contribuições por parte de docentes e funcionários para a internacionalização • Desenvolvimento de actividades profissionais a nível de docentes e funcionários • Apoio a compromissos internacionais

Fonte: Knight, 2010. p. 11.

As cooperações internacionais estavam tradicionalmente concentradas em países europeus e nos Estados Unidos, enfatizando a pesquisa acadêmica. Atualmente existe na política externa do governo maior incentivo para a cooperação Sul/Sul, com países como China, Índia e África do Sul, também com países de língua portuguesa e da América Latina. Essa cooperação acontece focando não somente a pesquisa acadêmica, mas também a pesquisa aplicada para a geração de saberes e desenvolvimento industrial, porém ainda incipientes em relação às tradicionais.

Essas novas cooperações ainda encontram muitas dificuldades, dada a falta de políticas externas de desenvolvimento do ensino superior e a assimetria de desenvolvimento científico e tecnológico entre os países “por isso nesses casos fala-se de políticas de cooperação vertical, de ‘solidariedade’ para ajudar os países a adquirirem níveis de excelência na formação e produção científica e tecnológica”. (KRAWCZYK, 2008).

Enquanto a inserção internacional do setor educacional, existente nos países centrais, se manifesta de forma ativa, isto é, com a implantação de políticas de Estado voltadas para a atração e acolhimento de acadêmicos, a oferta de serviços educacionais no exterior envolvendo a mobilidade de *experts* em áreas de interesse estratégico, a exportação de programas e instalação de instituições ou campi no exterior; nos países periféricos ela se manifesta de forma diferente: observa-se a necessidade de definir criteriosa política de emissão de acadêmicos (principalmente professores-pesquisadores) para se formar nos grandes centros, objetivando investir no desenvolvimento de uma elite intelectual capaz de influir sobre o processo de

modernização de alguns setores, apesar do elevado risco de perdê-la frente à reduzida capacidade de oferecer atrativas condições de trabalho e remuneração ao término da formação. (LIMA; MARANHÃO, 2009, p. 586).

Para que se possa avaliar a internacionalização de uma instituição, Veiga (2011, p. 52) propõe indicadores cujo grau “está estruturado a dois níveis: o global e o relativo às três dimensões – ensino/aprendizagem, cooperação e investigação. Cada componente é obtida por agregação dos indicadores de base e o índice global é obtido por agregação das três dimensões.”

Quadro 2 - Indicadores de internacionalização	
Indicadores de ensino-aprendizagem	Nº de docentes outgoing/nº total de docentes
	Nº de docentes incoming/nº total de docentes
	Nº de estudantes outgoing/nº total de estudantes
	Nº de estudantes incoming/nº total de estudantes
	Nº de funcionários não docentes outgoing/nº total de funcionários não docentes
	Nº de funcionários não docentes incoming/nº total de funcionários não docentes
	Montante de fundos atribuídos para mobilidade no ano em análise/orçamento total da IES no mesmo ano
	Nº de funcionários alocados no gabinete de mobilidade/nº total de funcionários não docentes
	% de cursos que contemplam pelo menos uma disciplina em inglês
	Nº de disciplinas lecionadas em inglês/nº de cursos
	Nº de estrangeiros docentes/nº total de docentes
	Nº de estudantes estrangeiros/ nº total de estudantes
	Sítio na internet em inglês
	A IES tem em funcionamento o EILC (Erasmus Intensive Language Course)
Indicadores de investigação	Nº de doutorados por IES internacionais/nº de doutorados
	Nº de publicações em revistas científicas internacionais com afiliação nas IES
	Nº de investigadores bolsistas em unidades de investigação da IES
	Nº de patentes registradas internacionalmente
	Nº de reuniões científicas internacionais realizadas
	Nº de projetos de investigação científica realizadas em consórcio com IES
	Nº de projetos de investigação financiados internacionalmente/nº de projetos
Investigadores de cooperação	Nº de parceiros para mobilidade
	Nº de graduações conjuntas com IES internacionais
	Participação na EUA (European University Association)
	Participação na LERU (League of European Research University)

Fonte: adaptado de Veiga, 2011. p.52.

Com base em alguns indicadores apresentados e na coleta de dados realizada, propomos a avaliação da internacionalização do Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina em comparação com as demais Universidades Federais da região Sul do Brasil.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, após a apresentação do contexto teórico e o levantamento dos indicadores a serem avaliados, foi executada a coleta de dados, apropriando-se de informações publicizadas nos relatórios de gestão da UFSC e seus

departamentos que tratam do tema de internacionalização. Também foram utilizados dados de sistemas de controle administrativo da instituição a que tivemos acesso.

A partir dos dados coletados, foi realizada a análise das informações com a intenção de confrontar com o referencial teórico levantado a avaliação das ações de internacionalização, comparando os dados da UFSC e das demais Universidades Federais da região Sul do Brasil, proporcionalmente em relação ao número total de alunos matriculados, fazendo uso de alguns dos indicadores de internacionalização.

A metodologia adotada foi a qualitativa, que utiliza o estudo de caso como estratégia de pesquisa, e a coleta de dados foi realizada em diversos sistemas administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina e nos relatórios de gestão publicados, bem como nos portais eletrônicos institucionais das Instituições pesquisadas..

4. RESULTADOS

Em pesquisas realizadas nos endereços eletrônicos das Universidades Federais da região Sul do Brasil, encontramos o seguinte cenário acerca da internacionalização.

Quadro 3 - Acordos de Cooperação por Instituição			
Instituição	Setor Responsável	Acordos de Cooperação Internacional	Países
UFRGS	Secretaria de Relações Internacionais (RELINTER)	369	45
UFSC	Secretaria de Relações Internacionais (SINTER)	306	42
UFSM	Secretaria de Apoio Internacional (SAI)	138	31
UFPR	Agência UFPR Internacional (AUI)	124	37
UTFPR	Escritório de Relações Internacionais (ERI)	89	24
UFPEl	Coordenação de Relações Internacionais (CRInter)	72	19
FURG	Assessoria de Relações Internacionais (REINTER)	62	23
UNILA	Pró-reitoria de Relações Institucionais e Internacionais (PROINT)	49	17
UFCSPA	Assessoria de Relações Internacionais	35	13
UNIPAMPA	Diretoria de Assuntos Estratégicos, Relações Institucionais Internacionais (DAEINTER)	32	9
UFFS	Assessoria para Assuntos Internacionais (AAI)	6	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verifica-se portanto no quadro apresentado que a UFSC e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) apresentam um número maior de acordos de cooperação internacionais, quando comparados com as demais Universidades pesquisadas. é Importante ressaltar que os dados apresentados foram retirados dos *sites* das respectivas Instituições e que em alguns casos não apresentam datas em que os dados foram disponibilizados e atualizados.

No caso da UFSC, apresentou em 2016, 306 acordos internacionais de cooperação com 42 países conforme tabela apresentada a seguir.

Quadro 4 - Convênios Internacionais por país - UFSC 2016	
África do Sul	1
Alemanha	44
Angola	4
Argentina	11
Austrália	5
Áustria	2
Bélgica	6
Bolívia	1
Canadá	15
Chile	9
China	6
Colômbia	21
Coréia do Sul	1
Cuba	3
Dinamarca	1
Equador	1
Eslovênia	1
Espanha	16
Estados Unidos	19
França	41
Holanda	7
Irlanda	2
Itália	20
Japão	2
Letônia	1
Lituânia	1
Marrocos	1
México	8
Moçambique	1
Noruega	5
Panamá	1
Paraguai	1
Peru	4
Polônia	2
Portugal	19
Reino Unido	10
República Tcheca	3
Rússia	4
Suíça	2
Timor Leste	2
Ucrânia	1
Uruguai	1
Total de Países = 42	Total de Convênios = 306

Fonte: UFSC, 2016.

Nos anos de 2015 e 2016 a UFSC enviou e recebeu alunos em intercâmbio acadêmico de diferentes países como pode ser observado nos dados a seguir.

Quadro 5 - Quantidade de alunos em intercâmbio acadêmico UFSC				
	2015		2016	
	<i>Outgoing</i>	<i>Incoming</i>	<i>Outgoing</i>	<i>Incoming</i>
Escala Docente - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)	9	9	2	5
Escala de Estudiantes de Grado - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)	18	26	26	28
Escala de Estudiantes de Posgrado - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)			3	3
Escala de Gestores y Administradores - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)			3	3
Jornadas de Jóvenes Investigadores - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)			16	0
Núcleos Disciplinários y Académicos - Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)			12	0
Ciência sem Fronteiras	368	0	0	0
Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G)		29	0	109
Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti (Pró-Haiti)	0	16	0	10
Projeto Mundus Lindo - Erasmus Mundus	1	0		
Projeto Elarch - Erasmus Mundus	0	4	5	9
Projeto Be Mundus - Erasmus Mundus	0	1		
Projeto Fellow Mundus - Erasmus Mundus	6	6	10	2
University Studies Abroad Consortium (USAC)	5	122	5	110
LexS Platinum Award - Universiteit Leiden	1	0	1	8
Programa Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para estudantes da Universiteit Leiden	0	5		
Programa Santander Universidades de Bolsas Iberoamericanas			5	0
Programa Jovenes Líderes Iberoamericanos			2	0
Programa de Intercâmbio de Estudantes Brasil-Colômbia (BRACOL)			2	2
Programa UFSC - UHK			2	0
Programa UFSC - Uandina			1	0
Intercâmbio para estudantes de graduação (Acordos bilaterais)	95	359	102	269
TOTAL	525	577	197	558
Total alunos Matriculados Graduação	28.742		29.595	
% em relação ao n. de alunos matriculados	1,83%	2%	0,66%	1,89%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante dos dados apresentados verifica-se a queda acentuada da realização do outgoing de 2016 em relação à 2015, isso deve-se ao fato da reformulação do Programa Ciência sem Fronteiras gerido pelo Ministério da Educação, que foi o principal responsável pelo envio de alunos em 2015.

As demais Universidades objeto dessa pesquisa não disponibilizaram em seus portais os dados relativos à quantidade de alunos em mobilidade acadêmica enviados e recebidos por

meio dos acordos de cooperação já citados. Exceção é o caso da UFRGS e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), porém os dados e a forma em que estão disponíveis limitam as comparações com os dados disponibilizados pela UFSC.

A UFPR na plataforma disponibilizada ao público informa que desde a implantação da ferramenta, em 2012 até a data mais recente, foram enviados 2.762 alunos. Os países que mais receberam alunos da Instituição foram EUA (632), Portugal (440), França (294), Alemanha (239) e Canadá (209) (UFPR, 2017). Porém não disponibiliza abertamente relatório detalhado com o ano de envio dos alunos nem discrimina os Programas ou países em que foram realizadas tais mobilidades. Porém cabe ressaltar que a ferramenta parece manter informações atualizadas em tempo real sobre os dados que apresenta.

Já a UFRGS, disponibilizou relatório, semestre por semestre de 2011 a 2015. Os países de destino mais procurados foram os Estados Unidos, o Reino Unido, a França, a Austrália, a Alemanha e a Espanha. Também disponibilizou a quantidade de alunos estrangeiros que realizaram estudos na UFRGS. Os países de origem são principalmente a Colômbia, a França, a Argentina, a Alemanha, o México, bem como países africanos lusófonos.

Outra constatação que merece destaque é a comparação em relação à quantidade de alunos enviados e recebidos na instituição, na UFSC e Na UFRGS em que os dados estão disponíveis, é possível verificar que as tendências apresentadas no referencial teórico de que o país é exportador de alunos e que os intercâmbios estão concentrados nos países centrais e que os países periféricos são exportadores de alunos. Ao contrário, verifica-se que em 2015 houve um equilíbrio entre a quantidade de alunos enviados e a quantidade de alunos recebidos para realização de intercâmbio. Em 2016, com a reformulação do Programa Ciência sem Fronteiras, que promovia a realização de intercâmbio no exterior, o envio de alunos teve uma queda, porém não interferiu no recebimento de alunos, apresentando uma queda muito menos acentuada que podem ser atribuídos a diversos fatores externos, como a variação do câmbio etc.

Segundo as informações apresentadas no Quadro 5, podemos verificar que em 2015 e 2016 o número de *incoming* foi superior ao *outgoing*. Verifica-se ainda que tal informação nesse aspecto não coaduna com Lima e Maranhão (2009), de que os intercâmbios estão concentrados nos países centrais e que os países periféricos são exportadores de alunos.

Ainda assim nota-se que há uma concentração em determinados países, para *incoming* e *outgoing*. EUA e países europeus são os principais destinos dos alunos brasileiros em mobilidade acadêmica.

5. CONCLUSÃO

A internacionalização da Educação Superior é um processo que propicia o intercâmbio entre diferentes culturas e o desenvolvimento do conhecimento, por meio da interação entre os alunos professores e servidores envolvidos.

O que a sociedade espera das instituições de Ensino Superior é uma atuação proativa em direção à internacionalização, possibilitada pela preparação de agentes capacitados para as novas necessidades profissionais, mais qualificados, com conhecimentos de línguas estrangeiras e com entendimento de outras culturas, com

maior amplitude nas áreas de conhecimento e de domínio de informações, com bom relacionamento de cooperação e de trocas acadêmicas, com o claro entendimento da necessidade de compartilhar os avanços científicos e tecnológicos com as demais sociedades mundiais e que sejam protagonistas de uma nova educação internacional. (STALLIVIERI, 2017, p. 31).

Com base nos resultados apresentados podemos verificar que a UFSC possui uma boa rede de acordos de cooperação internacional, quando comparada às demais Universidades Federais da mesma região. Podemos verificar ainda que a comparação entre alunos enviados e recebidos em mobilidade acadêmica na UFSC, apresentam uma quantidade considerável de alunos que participam dos programas de intercâmbio, constatando que nos dados apresentados o número de alunos recebidos foi maior que a quantidade de alunos enviados.

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, Lucídio. **O processo de Bolonha e a Globalização da Educação Superior**. São Paulo: Mercado das Letras, 2015.

FURG, 2017. <http://reinter.furg.br/index.php/pt/convenios/acordos-de-cooperacao>

KRAWCZYK, Nora Rut. As Políticas de Internacionalização das Universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 2, n. 4, dez. 2008. <http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/15027>

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz. Avaliação e internacionalização da educação superior: *Quo vadis* América Latina. **Avaliação**, Campinas, v. 17, n. 3, 2012. <http://www.scielo.br/pdf/aval/v17n3/a09v17n3>

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, Campinas, v. 14, n. 3, 2009. <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n3/a04v14n3>

MULLER, Cristiana Verônica. **O processo de internacionalização do ensino superior**: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2013. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78147/000895950.pdf?sequence=1>

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

VEIGA, Rita Baeta da. **Internacionalização das Instituições de Ensino Superior em Portugal**: proposta de metodologia para construção de indicador do grau de internacionalização, 2011. Dissertação (Mestrado em Negócios Internacionais) – Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Leiria, 2011. <http://www.iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/544/1/MNI%20Rita%20Veiga.pdf>

UFCSA, 2017. <https://www.ufcspa.edu.br/index.php/convenios>

UFFS, 2017.

https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/assessoria_para_assuntos_internacionais/cooperacao_internacional

UFPEl, 2017. <http://wp.ufpel.edu.br/crinter/convenios-internacionais/>

UFPR, 2017. <http://www.internacional.ufpr.br/site/info/geral>

UFRGS. Indicadores quantitativos de internacionalização da UFRGS. 2016.

<http://www.ufrgs.br/relinter/arquivos/indicadores-quantitativos-de-internacionalizacao>

UFSC. Boletim de Dados. 2016. <http://dpgi.seplan.ufsc.br/files/2013/02/Boletim-de-Dados-2016-S%C3%A9rie-Hist%C3%B3rica.pdf>

UFMS, 2017. <http://w3.ufsm.br/sai/#>

UNILA, 2017. <https://www.unila.edu.br/conteudo/editais-documentos-print#acordos-tab>

UNIPAMPA, 2017. <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/daeinter/acoes/convenios-internacionais/>

UTFPR, 2017. <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-de-relacoes-interinstitucionais/acordos-de-cooperacao/acordos-de-cooperacao-vigentes>